

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

CARLOS ROBERTO DA SILVA JUNIOR

**DE VOLTA PARA O FUTURO: VOTO RETROSPECTIVO E A ANÁLISE DO
IMPACTO DA COMPETIÇÃO NO DESEMPENHO ELEITORAL**

MACEIÓ

2023

CARLOS ROBERTO DA SILVA JUNIOR

**DE VOLTA PARA O FUTURO: VOTO RETROSPECTIVO E A ANALISE DO
IMPACTO DA COMPETIÇÃO NO DESEMPENHO ELEITORAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Ciências
Sociais da Universidade Federal de
Alagoas, como requisito parcial para
obtenção do grau de Licenciado em
Ciências Sociais.

Orientador: Prof^a Dr^a. José Alexandre da
Silva Júnior.

MACEIÓ

2023

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S586d Carlos Roberto da Silva Junior.
De volta para o futuro : voto retrospectivo e a análise do impacto da
competição no desempenho eleitoral / Carlos Roberto da Silva Junior. – 2023.
39 f.

Orientador: José Alexandre da Silva Júnior.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais :
licenciatura) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Sociais,
Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 36.
Anexos: f. 37-39.

1. Rousseff, Dilma, 1947-. 2. Eleição - Desempenho. 3. Competição. I.
Título.

CDU: 342.8

CARLOS ROBERTO DA SILVA JUNIOR

**DE VOLTA PARA O FUTURO: VOTO RETROSPECTIVO E A ANÁLISE DO
IMPACTO DA COMPETIÇÃO NO DESEMPENHO ELEITORAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Ciências
Sociais da Universidade Federal de
Alagoas, como requisito parcial para
obtenção do grau de Licenciado em
Ciências Sociais.

Aprovado em: __18 /_05__/_2023__

Banca examinadora:

Prof.^a. Dr.^a. José Alexandre da Silva Júnior – ICS UFAL (Orientadora)

Prof. Dr. Ranulfo Paranhos – ICS/UFAL

Prof.^a. Dr. Rodrigo Galvão Pinho Lins

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por me prover toda a força necessária para percorrer o caminho árduo dessa graduação, sem ele nem aqui eu estaria.

Gostaria de igualmente agradecer aos meus pais e minha irmã que sempre atribuíram muito valor a minha formação docente, me estimulando sempre a seguir adiante. Com agradecimento especial aos meus pais Roberto e Fátima que sempre reconheceram o valor dos estudos e deram seu máximo para me possibilitar condições de progredir na vida acadêmica.

Aos irmãos que a UFAL me presenteou, que certamente são companhias valiosas as quem preservo comigo até os dias de hoje: Arione Porto e Vinícius Cirilo. Verdadeiros irmãos de batalha os quais fizeram a gentileza de compartilhar sua jornada na universidade ao meu lado, me fazendo um ser humano e profissional melhor.

Destacando meu incrível orientador, que fora muito além de suas atribuições e se mostrou um amigo de valor, aconselhando e demonstrando uma vontade inabalável de me ajudar em tudo que precisei. Obrigado professor José Alexandre por ter acreditado em mim, por tudo e por tanto que fez e faz, a você minha mais sincera e eterna gratidão.

Aos professores que se dispuseram a avaliar esse trabalho de tão boa vontade e a todo corpo docente e técnico do Instituto de Ciências Sociais.

RESUMO

O presente trabalho se dispõe a analisar o efeito da competição no desempenho eleitoral dos incumbentes, levando em consideração as eleições em que Dilma Rousseff concorreu à presidência. Nossa hipótese é de que o nível de competição exerce um efeito negativo e significativo no desempenho eleitoral da incumbente (Dilma Rousseff). A metodologia adotada na pesquisa se pautou em 1) Análise descritiva, 2) Análise de Cluster e de Regressão. Chegamos a resultados que advogam a favor da hipótese sendo mensuradas as competições eleitorais da disputa presidencial nos municípios nos pleitos de 2006, 2010 e 2014. Sendo também analisados os percentuais de votos obtidos pelos candidatos vencedores dos dois últimos pleitos. A principal fonte de dados foi o TSE. Para testar nossa hipótese nula utilizamos análise de *cluster* e modelo regressão linear de MQO. A conclusão que tivemos a partir dos resultados obtidos é que de fato o alto grau de competição exerce impacto negativo no desempenho eleitoral do candidato, representando relevância significativa em seu êxito eleitoral.

PALAVRAS-CHAVE: Competição; Desempenho Eleitoral; Dilma Rousseff.

ABSTRACT:

The present work intends to analyze the effect of competition on the electoral performance of the incumbent, taking into account the elections in which Dilma Rousseff ran for president. Our hypothesis is that the level of competition has a negative and significant effect on the electoral performance of the incumbent (Dilma Rousseff). The methodology adopted in the research was based on 1) Descriptive Analysis; 2) Cluster Analysis: Classification of databases; 3) Regression Analysis. We arrived at results that advocate in favor of the hypothesis, measuring the electoral competitions of the presidential dispute in the municipalities in the 2006, 2010 and 2014 elections. The percentage of votes obtained by the winning candidates in the last two elections was also analyzed. The main source of data was the TSE. To test our null hypothesis, we used cluster analysis and linear regression model of OLS. The conclusion we had from the results obtained is that, in fact, the high degree of competition has a negative impact on the candidate's electoral performance, representing significant impacts on his electoral success.

KEYWORDS: Competition; Election Performance; Dilma Rouseff.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. Voto Retrospectivo e Teorias Concorrentes.....	10
2. Novos Estudos.....	13
3. Competição Eleitoral.....	17
4. O Debate no Brasil.....	20
Metodologia.....	21
CONCLUSÃO.....	35
REFERÊNCIAS.....	36
ANEXOS.....	37

FIGURAS

Figura 1 Percentual dos Votos Válidos - Candidatos Vencedores.....	24
Figura 2 Percentual dos Votos Válidos (%) - Segundo Colocado.....	25
Figura 3 - Competição Eleitoral (HH).....	25

QUADROS

Quadro 1 Resumo da Metodologia.....	21
Quadro 2 Lista de variáveis.....	22

GRÁFICOS

Gráfico 1 - Percentual dos Votos Válidos - Primeiro e Segundo Colocado (2010).....	27
Gráfico 2 - Percentual dos Votos Válidos - Primeiro e Segundo Colocado (2014).....	27
Gráfico 3 - Competição Eleitoral por Eleição.....	28
Gráfico 4 - Média do Percentual de Votos Válidos - Primeiro e Segundo Colocados (2010 - 2014).....	28
Gráfico 5 - Média da Proporção de Votos Válidos e Competição Eleitoral (2010 - 2014)...	29
Gráfico 6 - Percentual dos Votos Válidos - Primeiro Colocado (2010 - 2014).....	29
Gráfico 7 - Percentual dos Votos Válidos - Segundo Colocado (2010 - 2014).....	30
Gráfico 8 - Competição Eleitoral (2014 e 2010).....	30
Gráfico 9 - Competição Eleitoral 2010 e Percentual de Votos - Dilma Rousseff (2014).....	31
Gráfico 10 - Competição Eleitoral (HH) 2010 e Percentual de Votos Válidos - Aécio Neves (2014).....	31
Gráfico 11 - Diferença de Médias do Saldo do Voto Percentual de Votos Válidos - Dilma Rousseff.....	32
Gráfico 12 - Modelo de Regressão - VD Percentual de Votos 2014.....	33
Gráfico 13 - Modelo de Regressão - VD Saldo do Percentual de Votos (2014-2010).....	34

INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho versa sobre como o efeito da competição política influencia o desempenho eleitoral dos incumbentes, utilizamos como base o desempenho eleitoral de Dilma Rousseff nos pleitos de 2010 e 2014. A presente pesquisa se dispõe a chamar a atenção para o elemento da competitividade, e a forma como este detalhe cada vez mais vem se mostrando relevante e pertinente para a compreensão dos desdobramentos atuais, salientando seu impacto direto no desempenho político se mostrando uma ferramenta válida para agregar ao debate contemporâneo.

Nossa questão de pesquisa, se dispõe a compreender a forma como a competição eleitoral tende a interagir diretamente na eficiência do candidato em garantir sua reeleição, bem como a forma como o eleitor se comporta e avalia o contexto político em âmbitos de intensa disputa. A racionalidade partidária busca administrar seus recursos de modo a eleger seus candidatos utilizando a menor quantidade possível de verba, entretanto em localidades onde foram registrados altos índices de competição foi registrada uma queda significativamente maior no desempenho do incumbente (Dilma Rousseff).

Este tema se mostra relevante pela justificativa do jogo político se refinar em proporções largas através dos anos, com novos artifícios tecnológicos que viabilizam uma transposição rápida de informações e com isso proporcionando inúmeras dinâmicas que incitam um ambiente intensivamente competitivo, sendo o elemento da competição um fator pertinente para o debate dessas novas faces da política, sendo esta uma contribuição que almeja abrir caminhos para novos debates e reflexões.

A metodologia aplicada se concentrou na análise descritiva, análise de cluster e análise de regressão com dados colhidos a partir do TSE, também abordando de autores clássicos até os debates contemporâneos, decerto nossos resultados irão contribuir para trabalhos e pesquisas futuras, preparando o terreno para debates posteriores.

1. Voto Retrospectivo e Teorias Concorrentes

O voto é um elemento fundamental para os princípios democráticos. Por meio dele, o eleitor delega poder aos seus representantes políticos. Esse, por sua vez, busca maximizar o quantitativo de votos tanto para se eleger ou permanecer no poder. Dessa forma, compreender a lógica do voto é essencial para a análise dos desdobramentos da competição política. Essa preocupação deu origem a modelos que visam efetivar um diagnóstico do comportamento eleitoral e da decisão do voto. Os principais podem ser agrupados em duas correntes: 1) escolha racional e 2) teoria psicológica (Escola de Michigan).

A corrente da escolha racional explica a lógica do voto através da racionalidade dos agentes. O enfoque no comportamento racional do eleitor possui como ponto fundador a obra escrita por Anthony Downs: *An Economic Theory of Democracy* publicado em 1957.

Nesse modelo a premissa fundamental é que o eleitor se orienta de forma racional visando satisfazer seus interesses pessoais, buscando a maximização da renda de utilidade que pode receber caso determinado partido vença. É salientado, portanto, que “cada cidadão vota no partido que ele acredita que lhe proporcionará mais benefícios do que qualquer outro” (DOWNS, 1999, p. 57). A principal forma de avaliação do eleitor se dá através da avaliação do governo entre eleições sucessivas. Em outros termos, a decisão do voto é um exercício que envolve uma avaliação em retrospecto da performance dos governos. Na sequência dos pleitos, o eleitor compara as rendas de utilidades recebidas em decorrência do atual governo com a projeção da renda que ele receberia caso a oposição estivesse no poder. Esse exercício tende a ser mais fácil em sistemas bipartidários. Em tese, o confronto direto facilita a vida do eleitor, desde que os partidos conservem algum nível distinção entre eles (Downs, 1999). Porém, em sistemas multipartidários o cálculo se torna mais complexo, o eleitor tende a avaliar a possibilidade de seu partido vencer e caso compreenda essa probabilidade como mínima, vota naquele que demonstra chances razoáveis de modo a impedir o êxito do partido que menos apoia. Outro fator que calibra essa escolha, é peso do futuro na decisão do voto do eleitor. Caso ele considere o futuro como elemento primordial, pode decidir votar em

um partido mesmo sabendo que este tem poucas chances de vencer. O objetivo seria maximizar suas possibilidades em eleições futuras.

O cenário mais difícil de explicar é o de “empate técnico”, nele não há espaço para o voto útil. Normalmente esse quando resulta da entrega de uma renda de utilidade muito baixa. O eleitor não estaria certo que o grupo concorrente faria pior. Por tabela, essa dúvida impede o eleitor de definir uma preferência.

De acordo com Downs (1999), se houver uma projeção de empate entre os partidos que possuam entre si políticas similares, a opção mais atrativa passa a ser abstenção. Para Downs (1999), a situação de empate pode ser resolvida no campo da ideologia. Nesse contexto, as ideias/ posicionamentos ganham peso na disputa pelo voto. O desafio dos partidos é descobrir o que pensa a maioria e se aproximar dessas ideais. Porém, “a trama se adensa” em contexto onde a preferência majoritária absoluta ou não existe. Em sistemas bipartidários, os partidos precisam convergir para um mesmo ponto, por isso, correm sério risco de se tornarem indistinguíveis. Já nos multipartidários, o problema é o fato de nenhuma moda eleitoral reduzir significativamente o risco de derrota.¹

Em resumo, o cenário mais difícil para o eleitor decidir seu voto é aquele em que: 1) a renda de utilidade recebida é muito baixa e 2) os partidos são ideologicamente indistinguíveis. Nesse caso, o leitor costuma ser guiado por um espesso véu da ignorância e a decisão de voto torna-se tão previsível quanto o resultado do lançamento de uma moeda.

No modelo de Michigan o voto é compreendido através do âmbito psicológico. Uma vez que os indivíduos internalizam valores presentes em seus ambientes de interação social, vão construindo preferências em relação a questões políticas de forma precoce. Portanto, seus posicionamentos políticos são reflexos de ambientes sociais no qual o indivíduo está incluso. Nesse contexto, ganha destaque o papel da família no processo de formação de opinião, sendo incorporados os valores políticos. Dessa forma, indivíduos socialmente simétricos e que partilham um conjunto de posicionamentos em comum, tenderiam a decidir seu o voto em igual direção. Nesse modelo, a convergência de atitudes é um dos principais elementos que justificam o voto, com a unidade de

1

análise dessa teoria se pautando no indivíduo e não necessariamente em um grupo ou classe social.

Fica então estabelecido que uma grande parcela dos eleitores está propensa a delegar seu voto baseando-se na identidade partidária, sendo tal identidade construída através dos valores familiares ou no próprio contexto de socialização. Os valores internalizados no processo de socialização tendem a ser relevantes para questões políticas, o que implica dizer que o voto se inclina para determinado partido que melhor representa esses valores. Nessa corrente, a renda de utilidade, caso exista, não é reconhecida como elemento determinante no processo de decisão eleitoral, em seu lugar é adotado o conceito de identificação partidária. O eleitor já teria uma definição do seu voto, independentemente, do que o incumbente conseguiu entregar.

Nesse modelo o eleitor pode ou não ser atraído psicologicamente por elementos fundamentais do processo político, significando dizer que a relação entre eleitor e candidato é de empatia. Em eleições normais, onde não existe grande estímulo, os votos se direcionam a favor das identidades partidárias, entretanto, em eleições atípicas o voto tem sua dinâmica modificada, configurando-se maior grau de infidelidade partidária e concentração significativa de eleitores não identificados em uma mesma direção. Em linhas gerais, o conjunto de decisões finais do eleitorado está atrelado a um complexo conjunto de casualidades. Em relação a corrente psicológica, o que determina o engajamento e a inconsistência do eleitorado são justamente o grau de adesão e alienação política.

De acordo com a literatura, a alienação corresponde a uma postura de indiferença diante do sistema político. Em geral, pode ser ocasionado por cinco fatores ou sentimentos: 1) impotência, 2) ininteligibilidade; 3) anomia; 4) isolamento e 5) auto diferença. Desses todos, a literatura destaca o papel desempenhado pela impotência e pela anomia (FIGUEIREDO, 2008)². Juntos esses fatores explicam os diferentes graus de apatia política que abrange a maioria do eleitorado. Segundo a literatura, o eleitorado está situado em contínuo que vai do engajamento a alienação.

Em resumo, a escola de Michigan aposta numa definição precoce das preferências políticas, mas se depara com a indiferença presente na maioria do

eleitorado. Dessa forma, direciona seus esforços para explicar o porquê desse achado inesperado (FIGUEIREDO, 2008).

2. Novos Estudos

Os desdobramentos que englobam o estudo do comportamento eleitoral foram se refinando com o passar dos anos, com inquirições e articulações que se dispuseram a problematizar questões de pesquisa ao mesmo tempo em que outras foram levantadas em cima destas, categorizando assim êxito nesse segmento. Nessa nova geração de indagações, um dos questionamentos mais relevantes se pauta no quão importante pode ser a condição econômica para o eleitor. Foram construídas duas escolas de pensamento, onde uma postula que os eleitores tendem a considerar em maior proporção suas próprias dificuldades econômicas particulares sendo estes os “eleitores de bolso” onde seu apoio ao candidato ou partido se justifica diretamente pelo seu bem-estar financeiro pessoal. Já a outra escola constrói o conceito referente ao eleitor “sociotrópico” que articula seu julgamento levando em consideração primordialmente a avaliação da saúde econômica em caráter amplo, não apenas a sua própria.

Sendo pertinente ressaltar que no modelo sociotrópico não se levanta o argumento de que os eleitores participem ou estejam engajados em análises sofisticadas no âmbito da política macroeconômica. O que realmente vem a ser pertinente é o exercício de avaliações aproximadas da condição econômica nacional, análises que tendam a ser parcialmente independentes de seus próprios contextos pessoais. Salientando que o modelo de análise sociotrópico não se motiva por preceitos altruístas, uma vez que os eleitores podem crer que em decorrência de condições macroeconômicas favoráveis irão ser beneficiados a longo prazo. Ambos os modelos de explicação apresentam suas limitações, uma vez que ambos podem vir a gerar resultados indesejados.

Referente ao modelo sociotrópico que apesar de não ter sido concebido com a intenção de prever os resultados das eleições presidenciais, demonstra desempenhos positivos nessa vertente, uma vez que desconsidera referências diretas a traços de personalidade dos candidatos. Fica estabelecido nessas novas linhas de estudo que, os eleitores em situação de eleições presidenciais são sensíveis a flutuações no âmbito macroeconômico bem como em seu próprio estado financeiro.

Ambos os modelos levam em consideração o fator econômico como ponto de partida para o entendimento do posicionamento político, tanto para os ditos eleitores de bolso quanto para os socio trópicos. Apesar de serem desprezados categoricamente fatores “humanos” relacionados aos candidatos nesse modelo de análise, cabe ressaltar que artifícios como campanhas políticas e todos seus desdobramentos reafirmam sua importância no ponto em que proporcionam um veículo para potencializar a conscientização do eleitor acerca de suas condições econômicas vigentes e até sua própria importância cultural.

O artigo “Musical chairs: pocketbook voting and the limits of democratic accountability” traz uma análise profunda acerca do voto retrospectivo e da votação de bolso, sendo a teoria do voto retrospectivo um dos artifícios mais poderosos da democracia atual, que justifica o voto pelo argumento de que os eleitores mesmo sem um conhecimento refinado sobre os problemas do governo, são capazes de diferenciar bons e maus resultados viabilizando assim a remoção e punição de líderes incompetentes e corruptos. No entanto, é dito no artigo como esse exercício retrospectivo não é feito com primor por parte dos cidadãos, eles esquecem em proporções largas tudo relacionado a experiências anteriores com os titulares e tendem a levar em consideração somente os meses mais recentes. Com esse entendimento, os governos premeditadamente passam a dispor aos eleitores uma série de benefícios pontuais e incomuns a sua própria gestão, dessa forma governos são mantidos ou removidos não por divergências ideológicas com seus eleitores, mas justamente pelos momentos finais do seu desempenho no cargo. Igualmente importante para a análise retrospectiva do voto é o conceito do eleitor míope apresentado por Achen e Bartels, que mostra como o eleitor se fecha para a avaliação presente de sua realidade e das ações do governo, esquecendo tudo que ocorreu anteriormente. É levado em consideração o fato de que os eleitores tendem a desinformação, e que em decorrência disso não são capazes de realizar julgamentos retrospectivos sensatos nos períodos eleitorais, recompensando e punindo por eventos que não necessariamente a administração tem o poder de controlar, dessa forma os eleitores são por vezes arbitrários e quase sempre míopes no exercício de seus julgamentos.

O voto de bolso pode ser interpretado como um esforço exercido pelos eleitores para selecionar a melhor equipe possível de líderes afim de maximizar a

obtenção de prosperidades futuras. Nessa leitura o eleitor é visto como racional na medida em que se volta para o futuro, todavia suas preferências prospectivas demonstram elementos retrospectivos já que a maneira óbvia e confiável para formular expectativas racionais para o futuro é avaliando o desempenho passado no cargo.

Os estudos contemporâneos acerca das dinâmicas que englobam a lógica do voto e tudo aquilo que os cidadãos levam em consideração no momento da delegação da representatividade, abordam de forma relevante a ideia da lealdade partidária e como esta influencia o desenrolar do jogo político a longo prazo. O artigo “Beyond the running tally: partisan bias in political perceptions” produzido por Bartels apresenta as formas como a identidade partidária modela o entendimento do eleitor em relação ao ambiente político. O viés partidário se apoia nas percepções subjetivas do eleitor que por sua vez modifica a forma como ele avalia e interpreta o desempenho dos líderes políticos, condicionando assim valores divergentes que se expressam no momento do voto. Entretanto cabe ressaltar que diante do alto grau de complexidade do mundo político, até a difícil tarefa de identificar responsáveis, parece legitimamente racional para o eleitor interpretar aquilo que está a sua vista a luz do que já acredita.

Em algumas situações o viés partidário tende a fomentar divergências na opinião do eleitor a longo prazo, inibindo assim o que poderia vir a se tornar uma intensa convergência de opiniões políticas pautadas em uma experiência compartilhada, nas palavras de (Bartels, 2002) “o partidarismo não é apenas uma contagem contínua de avaliações políticas, mas uma força dinâmica penetrante que molda as percepções e reações dos cidadãos ao mundo político”. Fica claro como os eleitores articulam suas preferências pessoais ao cotidiano que presenciam e em decorrência disso é construída uma identidade partidária que se solidifica com o passar do tempo, representando um entrave para o consenso sobre aquilo que é ou não interessante em um governo. Pontuando que esse fato decorre em virtude da própria dificuldade informacional das dinâmicas do jogo político, induzindo os eleitores a considerar plausível unir aquilo que já trazem consigo com o que presenciam em seu dia a dia. Dessa forma conclui-se que o viés partidário exerce papel primordial na manutenção e solidificação da longevidade das divergências de

opiniões e interpretações da realidade política, exercendo grande influência nas atitudes e comportamentos relacionados aos aspectos compreendidos na política.

Abordando agora a questão econômica que se mostra um elemento de peso no processo de estudo do comportamento eleitoral, uma vez que se trata de um segmento amplamente consultado pelos eleitores. Esse alto interesse dos cidadãos pelos aspectos econômicos condiciona os políticos a concentrar forças em uma série de benefícios nessa área, justamente afim de maximizarem seus níveis de aceitação junto ao eleitorado. Todavia esse comportamento ocasiona uma série de problemas os quais Healy chamou a atenção no artigo intitulado “Substituting the end for the whole: why voters respond primarily to the election-year economy”, sendo alguns desses entraves pautados em 1) o comportamento do eleitor incentiva políticos a também se concentrarem no crescimento econômico do ano eleitoral; 2) O foco no ano eleitoral pode ocasionar a seleção adversa onde invés de escolher o melhor líder econômico, os sistemas democráticos podem selecionar os melhores manipuladores econômicos.

Estes são apenas alguns dos elementos que representam um problema para a saúde do jogo político de modo geral, pois nesse contexto são fabricados eleitores com alto grau de propensão a escolher candidatos não por suas qualidades, mas pelo potencial de desenvoltura econômica que são capazes de manipular, transformando dessa forma os preceitos democráticos em uma “dança das cadeiras”. Um importante conceito referente a essa problemática foi cunhado por Healy e Lenz denominado como “heurística final” de acordo com essa explicação “os eleitores pretendem julgar os presidentes pelo desempenho geral em vez das condições do ano eleitoral, mas o desempenho geral durante o mandato não é prontamente disponíveis para eles” (Healy e Lenz, 2012). Fica estabelecido que apesar do esforço do líder político em reafirmar seus feitos passados, o enfoque dado pela mídia é no cenário atual, viabilizando um conjunto de informações recentes as quais os eleitores avaliam desconsiderando o histórico passado do candidato.

O comportamento dos eleitores pautado apenas no desempenho econômico do ano eleitoral acarreta consequências significativas para o cenário político que reflete diretamente nos resultados de eleições, viabilizando a candidatura de bons manipuladores econômicos em oposição a bons gestores da prosperidade financeira

de modo geral. Esse direcionamento dos eleitores fornece incentivos positivos para os incumbentes elaborarem uma série de ações voltadas para o crescimento do ano eleitoral, manipulando a economia da melhor forma que os favoreça mesmo que isso signifique sérios danos econômicos a longo prazo. Os eleitores possuem uma forte propensão a avaliar os titulares da economia em períodos eleitorais pela justificativa de que as condições finais representam atributos mais palatáveis e de fácil disponibilidade, que podem substituir toda a experiência anterior.

3. Competição Eleitoral

As competições eleitorais fazem parte da história da política na sociedade, onde os candidatos e partidos mobilizam todos os seus recursos tanto para eleger novos candidatos quanto para manter os atuais no poder. Entretanto impactos significativos são gerados em decorrência da competição e disputa política influenciando assim o comportamento de candidatos e incumbentes. O artigo “The Presence of Incumbents Electoral Competition and Reelection in Brazil” produzido por Silva Jr, J. A. (2020) traz o debate sobre como as tentativas de reeleição podem propiciar efeitos significativamente benéficos no âmbito da competição eleitoral.

Os incumbentes têm como objetivo principal a reeleição, buscando ao máximo se manter na posição de poder, e esse fato poderia vir a ocasionar vantagem na disputa política se tratando dos titulares sobre os adversários. Entretanto ficou constatado que a presença dos incumbentes representou impactos negativamente significantes para o aumento da competição política (Silva Jr, J, A, 2020). A participação dos titulares potencializou o nível de competição, ficando constatado que o personalismo e as competições intrapartidárias são variáveis relevantes para justificar tal fenômeno. É ressaltada a supremacia dos candidatos em relação a seus partidos na disputa eleitoral, primordialmente se tratando dos grandes partidos. Com base nesses argumentos, fica claro que os eleitores no período de votação não necessariamente tenderão a votar ou favorecer os titulares, estando o personalismo fortemente atrelado a fragilidade dos partidos na organização das campanhas, viabilizando uma série de competições internas (Silva Jr, J, A, 2020).

Cabendo salientar que as tentativas de reeleição por parte dos incumbentes não exercem efeitos retrógrados diretos nos índices de concorrência, desse modo não possuem potencialidade para gerar desequilíbrios nas disputas, legitimando o argumento

da não preferência exata dos eleitores em relação aos titulares. Dessa forma um dos elementos mais pertinentes sobre as reflexões que versam sobre as competições eleitorais, se trata do conceito do personalismo do voto que exerce em grande medida impacto direto sobre os desdobramentos das disputas, bem como os níveis de organizações partidárias que igualmente demonstram amplo potencial explicativo a luz de tais fenômenos.

Algumas outras dinâmicas da competição política também são elementos propulsores para a competitividade, como os financiamentos de campanha que possuem o poder de modificar a intensidade das disputas sendo este um tema abordado no artigo “É proibido proibir? Proibição do Financiamento Corporativo de Campanha e Competição Eleitoral no Brasil”, onde é feito um estudo sobre a suspensão das verbas concedidas por empresas para o financiamento de campanhas, decisão essa tomada pelo STF afim de maximizar a igualdade de condições nas disputas eleitorais. Entretanto tal medida proporcionou um cenário de intensa competitividade, configurando novas articulações a serem tomadas por partidos e candidatos.

É demonstrado no artigo como o intento da proibição do financiamento foi justamente favorecer um aumento de competitividade reduzindo a influência do poder econômico nas eleições. Entretanto, os estudos chamam a atenção para a relevância de considerar a vantagem inicial que os candidatos possuem para a reeleição (Silva Jr, J. A. et al, 2022). Assim sendo, ficou constatado que candidatos que buscam se reeleger possuem relativa vantagem inicial na disputa, onde a ausência de recursos corroborou para a antiga filosofia do “quanto mais dinheiro, mais votos”. Os debates que versam sobre esse tema trazem a ideia de que as proibições tendem a manifestar efeitos benéficos em contextos de equidade e competitividade das disputas (Silva Jr, J. A. et al, 2022). Dessa forma, em linhas gerais as verbas financeiras representam grande peso nas dinâmicas eleitorais de tal forma a conduzir em grande escala todos os desdobramentos das campanhas, ficando claro que os incumbentes possuem uma vantagem inicial sobre os desafiantes, estando o índice de concentração de votos ligado diretamente a receita de campanha.

Entretanto, cabe pontuar alguns outros aspectos igualmente importantes para compreender a disputa eleitoral e a lógica acerca do posicionamento dos eleitores, sendo um destes a magnitude distrital que traz consigo alto potencial explicativo

principalmente no âmbito das disputas políticas. No artigo intitulado “Mesmas instituições, mesmos resultados? Comparando o efeito da competição eleitoral sobre os níveis de concentração de votos” (Silva, Glauco Peres da), é apresentado como a magnitude dos distritos e o voto pessoal se articulam dentro dos desdobramentos de uma disputa política. A quantidade de cadeiras em disponibilidade para a disputa é um fator pertinente e encoraja de forma diversa o comportamento dos candidatos que passam a prezar por atributos subjetivos afim de zelar por suas posições políticas (Carroll e Eichorst, 2013). Nesse contexto o voto pessoal marcado pelas características da magnitude distrital viria a servir como estímulo para a manutenção da concentração de votos em localidades específicas, onde a subjetividade do eleitor funcionaria para estabelecer de forma efetiva uma lógica pautada na concentração espacial dos votos.

Todavia, os políticos que conseguem êxito em maximizar seus quantitativos de votos induzem a um cenário favorável para a dispersão eleitoral., onde os candidatos alcançam eleitores que estão além de suas áreas de controle. No caso dos incumbentes, estes tendem a ocasionar dispersão de votos entre eleições, retendo assim todo o efeito da variação de gastos declarados de campanha em relação a dispersão de votos dos candidatos (Silva, 2017). Chamando a atenção para o fato de que mesmo que o candidato vença a eleição não necessariamente isso proporcionará a ele suficiência para que seus votos se dispersem a um nível superior que seus adversários. Os estudos conduzidos acerca desse tema indicam que a proporção varia para indivíduos com montantes equivalentes de votos em razão do cargo disputado e não o oposto (Silva, 2017).

Os partidos políticos que representam um poderoso artifício da competição eleitoral também buscam estabelecer estratégias competitivas que se obstinam a maximizar em grande proporção o apoio eleitoral, sendo tais desdobramentos abordados no artigo “The end of silent elections: the birth of electoral competition, 1832-1915”. É trabalhado o contexto histórico do cenário de disputa política entre os anos e como este veio se reinventando e se adequando a forma como os eleitores se posicionam, como a gradual transformação da competição territorial em funcional sendo esta última descrita como uma disputa que se desdobra em um “espaço ideológico” imaginário onde os partidos políticos se articulam de modo a localizar o contexto mais viável para a maximização dos votos (Downs, 1957). Diante disso, os partidos políticos tenderam a se expandir almejando apoio por todo país, em níveis primordialmente territoriais e

posteriormente ideológicos. Ficando claro o fato de que através dos anos em que as disputas eleitorais foram se refinando, houve um direcionamento efetivo de competições territoriais em funcionais quebrando com isso o monopólio de representação de determinados grupos políticos em espaços geográficos específicos (Caramani, 2003). Incentivando uma expansão territorial dos partidos, com as questões nacionais ocupando posições de destaque em meio aos debates e disputas, ao contrário dos interesses territoriais.

4. O Debate no Brasil

As discussões acerca do voto retrospectivo no Brasil prosseguem de modo a favorecer estudos contemporâneos deste segmento. Alguns desses desdobramentos mais atuais se articulam através dos programas de transferências de renda, que se categorizam de formas diretas e indiretas nas eleições presidenciais, como abordado por Sergio Simoni Junior no artigo “Efeitos diretos e indiretos do Programa Bolsa Família nas eleições presidenciais brasileiras”. O estudo toma como objeto de análise o então presidente na ocasião Luiz Inácio Lula da Silva e o programa bolsa família e seus beneficiários diretos e indiretos e a forma como estes atribuem o voto frente a disponibilização desses recursos sociais. Bem como fatos, mecanismos e teorias que reafirmam a relevância de fatores indiretos e contextuais na conformação dos comportamentos individuais (JUNIOR, 2021). O estudo conduzido por Simoni salienta o fato de que eleitores que conhecem beneficiários de programas sociais como o Bolsa Família impactam mais na decisão do voto do que necessariamente o próprio beneficiário em si.

Na leitura de Zucco no artigo “Bolsa Família and the shift in Lula’s electoral base 2002-2006” temos uma análise mais profunda acerca dos impactos dos programas de transferência de renda na dinâmica do voto. Onde o argumento problematiza a ênfase no programa Bolsa família, chamando a atenção para outros detalhes que se pautam nas evidências que sugerem um efeito pró-incumbente, ou seja, uma vantagem inicial e significativa daquele que já ocupa o poder, benefício este que independe de transferências monetárias condicionadas (ZUCCO, 2013).

Estudos anteriores apontam um grande impacto de ser beneficiário desses programas sociais e como isso influencia na avaliação positiva no desempenho do incumbente, fato analisado no artigo “Bolsa Família e voto na eleição presidencial de

2006: em busca do elo perdido”. Nas análises conduzidas pelo estudo, ficou constatado a divergência de opiniões e atitudes entre beneficiários e não beneficiários, favorecendo a hipótese de que os beneficiários do programa tendem a votar mais no incumbente responsável pelo provimento, além de avaliar o governo de forma positiva. Sendo salientado que o entendimento sobre a lógica do voto não deve se originar apenas de avaliações de recursos oriundos de programas federais, trata-se igualmente de observar a cultura política da nação tradicionalmente desigual com pouca possibilidade de mobilidade social (LÍCIO, E.; RENNÓ, L.; CASTRO, H. C, 2009).

Metodologia

O objetivo dessa pesquisa é analisar o efeito da competição eleitoral no desempenho eleitoral dos candidatos à reeleição. Para tanto, mensuramos a competição eleitoral da disputa presidencial nos municípios nos pleitos de 2006, 2010 e 2014. Além disso, analisamos o percentual de votos obtidos pelos candidatos vencedores dos dois últimos pleitos. Mais precisamente, comparamos o desempenho eleitoral da candidata Dilma Rousseff na primeira disputa com sua performance na luta pela reeleição. A principal fonte de dados será o TSE. Nossa hipótese é que a competição exerce um efeito negativo e significativo no desempenho eleitoral do candidato à reeleição. Em outros termos, apostamos que o desempenho eleitoral do incumbente será menor em cidades onde a competição eleitoral foi mais acirrada na primeira disputa. Em especial, quando o candidato à reeleição termina o primeiro mandato com queda no seu índice de popularidade. Para testar nossa hipótese nula utilizaremos análise de *cluster* e modelo regressão linear de MQO. Porém, antes de entrar nos detalhes desses métodos, apresentamos nos quadros abaixo o resumo do nosso desenho de pesquisa e a lista de variáveis que serão utilizadas.

Quadro 1 *Resumo da Metodologia*

• B • Elemento		Descrição
Questão de Pesquisa		Qual efeito da competição no desempenho eleitoral dos candidatos à reeleição?
Hipótese		A competição exerce um efeito negativo e significativo no desempenho eleitoral dos incumbentes.
Análise	Variáveis	Percentual de votos válidos, competição eleitoral, candidatos, competição

Descritiva		eleitoral (Cluster).
	Técnicas	Estatística Descritiva e Análise de Cluster
Análise Inferencial	Variáveis	Percentual de votos válidos, competição eleitoral, candidatos, competição em q q (Cluster), IVS, IDHM, , bolsa família, transferência recursos, aptos a votar.
	Técnicas	Análise de Cluster e Modelo de regressão linear de MQO

Fonte: Elaboração Própria

Quadro 2 Lista de variáveis

Tipo	Nome	Descrição	Nível de Mensuração
Dependente	Percentual de Votos Válidos	Percentual de votos válidos em cada município.	Razão
Independente	Comp	1- Índice de fragmentação eleitoral (HH)	
Controle	TransfI	Volume de recursos per capito não discricionários transferidos pelo governo federal 2007 - 2010.	
	TransfII	Volume de recursos per capito não discricionários transferidos pelo governo federal 2011 - 2014.	
	qtfamilias	Quantidade de famílias inscritas no programa bolsa família	
	valmediobf	Valor médio transferido para as famílias via programa bolsa família.	
	IVS	Índice de Vulnerabilidade Social	
	IDHM	Índice Desenvolvimento Humano Municipal	
	Comparecimento	Percentual de eleitores aptos que compareceram às urnas.	
Aptos	Total de eleitores aptos a votar		

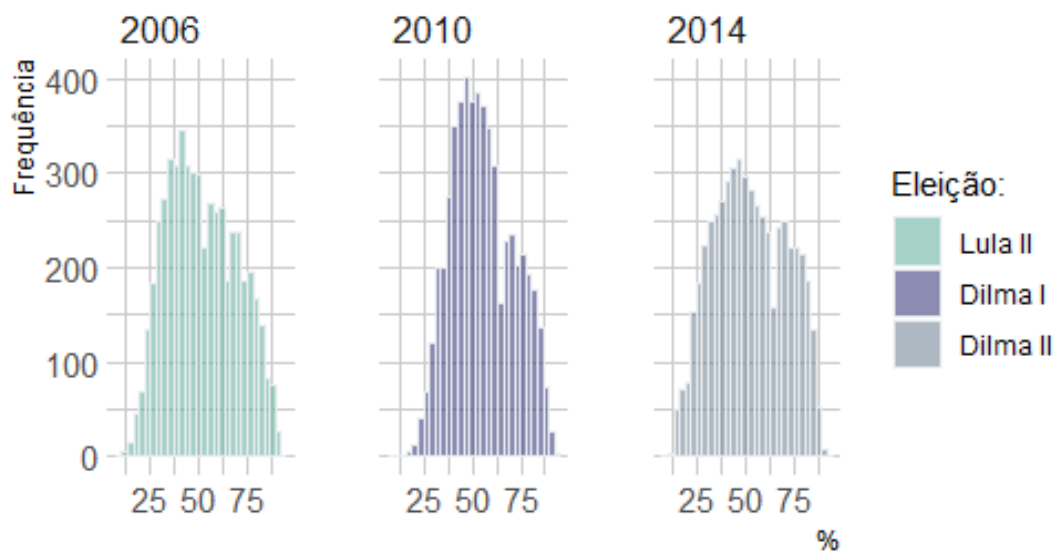
Fonte: Elaboração Própria

A nossa variável dependente é o percentual de votos válidos no pleito em que a candidata disputa a reeleição (2014). Essa variável é medida em cada município do território brasileiro. Para explicar a sua variação, apostamos na competição eleitoral. Aqui essa competição é representada pelo nível de fragmentação da proporção de votos no pleito anterior (2010). Essa variável está em uma escala de 0 a 1, onde valores mais altos significam menor grau de compartilhamento de votos entre os candidatos, ou seja, menor nível de competição eleitoral. Para estimar o efeito dessa variável, controlamos por um conjunto de outras. No geral, elas são apontadas pela literatura como influentes no desempenho eleitoral de candidatos à presidência da república, em especial, em disputas protagonizadas pelo partido dos trabalhadores. Não sem razão, no conjunto estão a quantidade de família e média dos benefícios transferidos pelo programa bolsa família, por exemplo.

Em relação às técnicas, utilizaremos a estatística descritiva, análise de cluster e análise de regressão linear. As duas primeiras são empregadas para analisar a distribuição das variáveis dependente e independente. Particularmente, a análise de cluster serve para classificar de forma sistemática e objetiva um conjunto de elementos. Segundo Hair et al (2009), a técnica tem por finalidade formar grupos com o máximo de similaridade interna e grande diferença entre eles. Aqui o utilizamos para agrupar os municípios conforme o nível de competição eleitoral (hh).

Na análise inferencial utilizamos um modelo de regressão linear de MQO. Segundo Hair et al (2009) essa técnica é ideal para estimar o efeito que uma ou mais variáveis exercem sobre outra. Dito de outro modo, estimar o grau em que os valores de Y podem ser preditos/explicados por X na presença de um conjunto de variáveis. Segundo Figueiredo Filho et al (2011), a partir do modelo “é possível também identificar a contribuição de cada variável independente sobre a capacidade preditiva do modelo como um todo.” (FIGUEIREDO FILHO ET AL, 2011: 49). Isso a partir de um método de ajuste que tende a minimizar os erros de estimação do modelo, ou seja, reduzir a distância entre valores reais e preditos. O modelo assume uma relação linear entre X e Y, o melhor ajuste depende da inclinação dessa “linha” e da disposição linear das observações dessas variáveis.

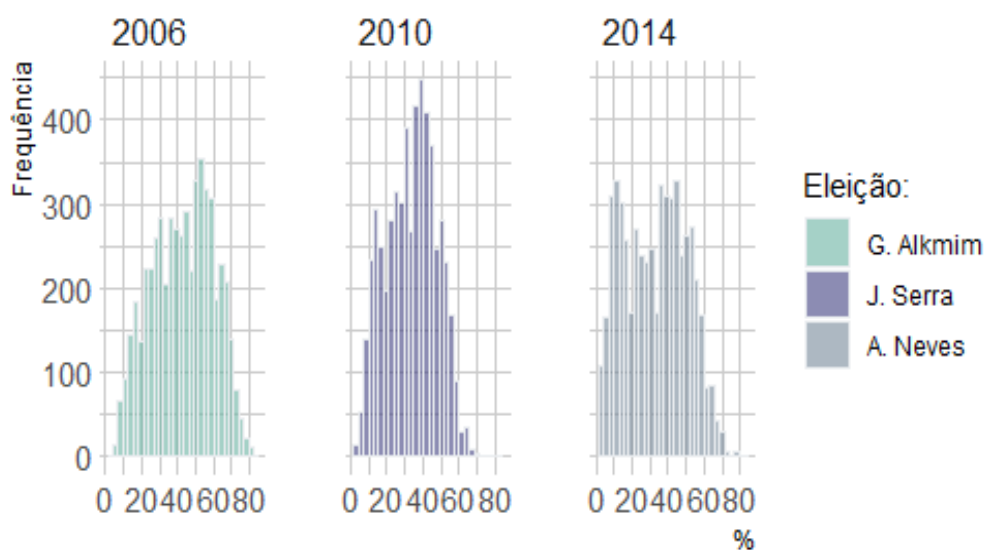
Análise Descritiva

Figura 1 Percentual dos Votos Válidos - Candidatos Vencedores

Fonte: Elaboração Própria com base no TSE

Embora o objetivo seja analisar o percentual de votos da incumbente Dilma Rousseff, a comparação com o desempenho de Lula em 2006 é válida para termos também como parâmetro o desempenho eleitoral de outro incumbente. Nos gráficos da **figura 01** temos a representação do percentual de votos válidos referentes ao primeiro turno. Claramente, os percentuais de votos válidos nos anos de 2006 e 2010 apresentam maiores proximidades. Entretanto, em 2014 observamos que as barras até 25% registram frequências maiores, isso significa que houve um crescimento no número de municípios onde a Dilma Rousseff não se saiu tão bem. A figura seguinte apresenta o quadro comparativo do candidato que fechou o primeiro turno na segunda colocação.

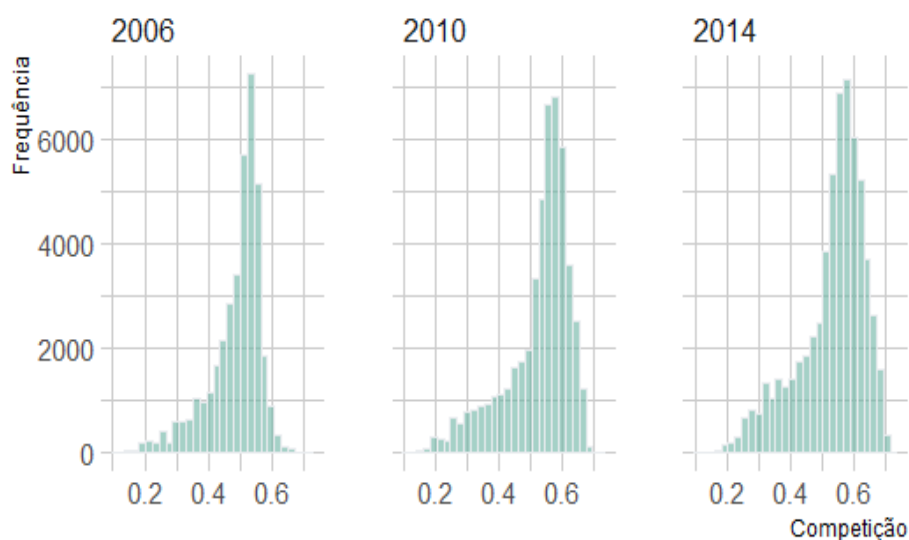
Figura 2 Percentual dos Votos Válidos (%) - Segundo Colocado



Fonte: Elaboração Própria com base no TSE

Observando os percentuais compreendidos nos intervalos até 40% e acima dos 80% nas eleições 2010 e 2014 é possível verificar um deslocamento da frequência para o extremo que marcar percentuais maiores. Na prática, isso significa que o desempenho eleitoral do segundo colocado avançou de uma eleição para outra. Do outro lado da equação analisamos o que aconteceu com o indicador de competição eleitoral.

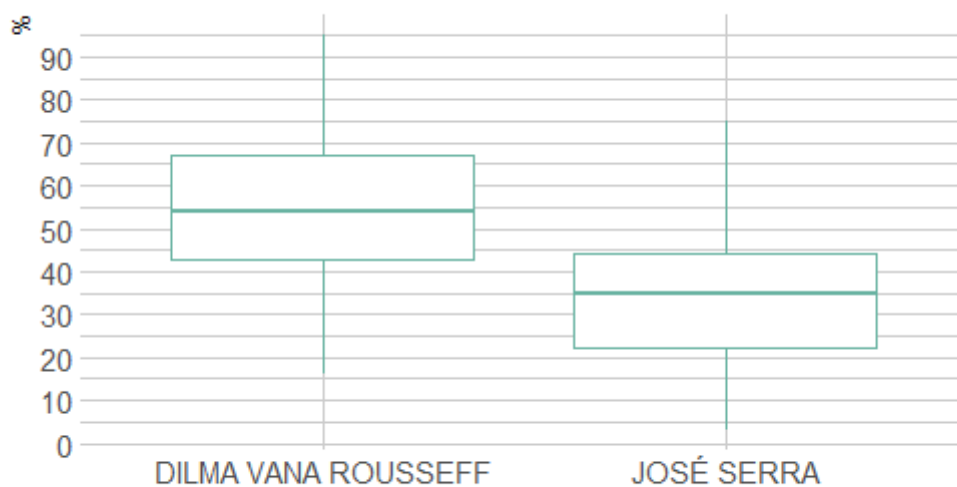
Figura 3 - Competição Eleitoral (HH)



Fonte: Elaboração Própria com base no TSE

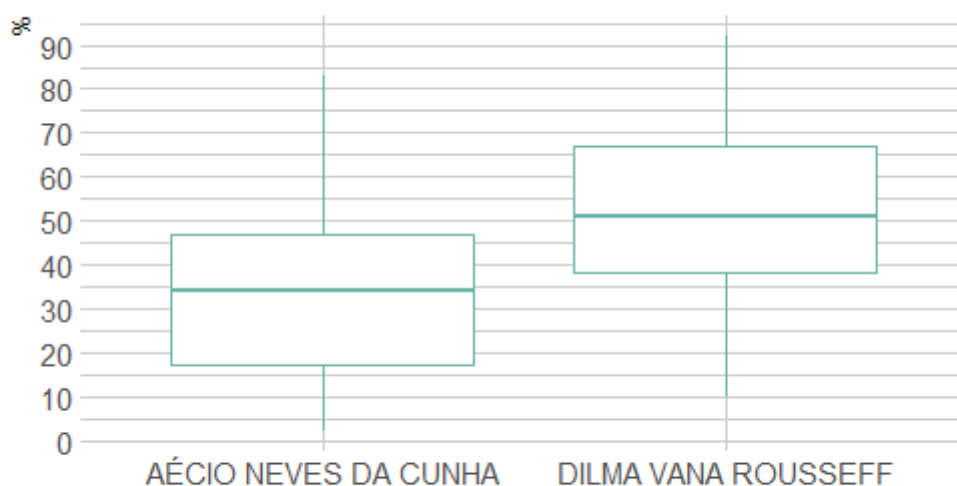
Ao comparar as três eleições nota-se um crescimento nos dois extremos: nas disputas que estão entre 0.5 e 0.7 e naquelas mais próximas de zero, entre 0.2 e 0.5. Esse quadro deixa o cenário um pouco confuso, parece ter havido alterações pontuais, sem uma tendência clara. No entanto, para ampliar o exercício comparativo, trabalhamos as variáveis a partir de gráficos de caixa. Segue a comparação do percentual de votos válidos do primeiro e do segundo colocado nas eleições 2010 e 2014.

Gráfico 1 - Percentual dos Votos Válidos - Primeiro e Segundo Colocado (2010)



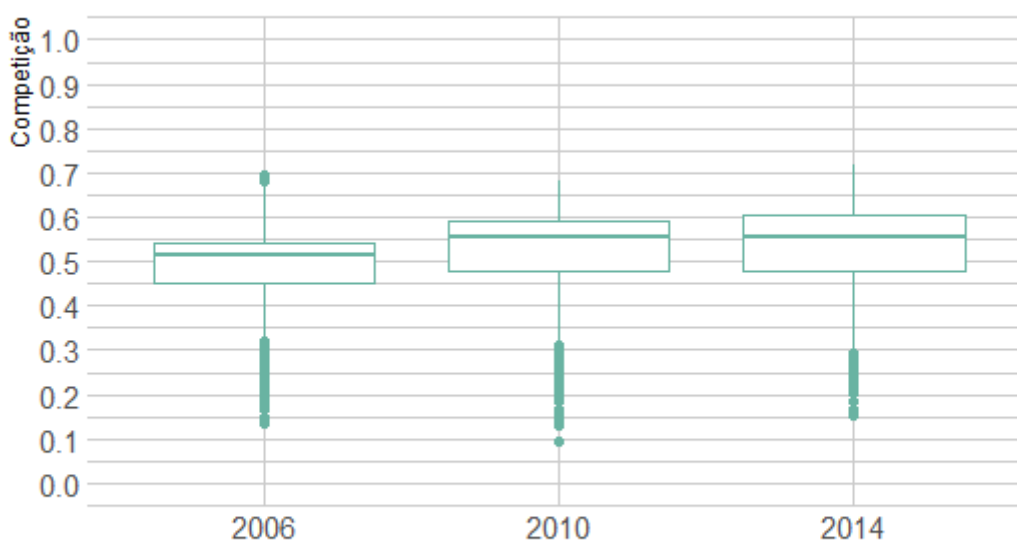
Fonte: Elaboração Própria com base no TSE

Gráfico 2 - Percentual dos Votos Válidos - Primeiro e Segundo Colocado (2014)



Fonte: Elaboração Própria com base no TSE

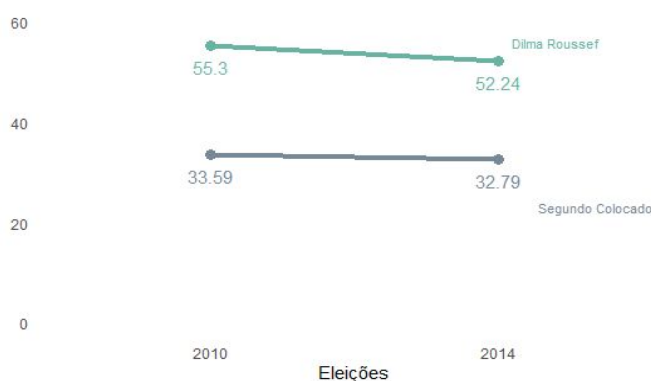
A distância entre as linhas que demarcam a mediana e a zona de interseção entre as caixas denunciam o ocorrido entre as eleições. Claramente, a distância diminuiu e a interseção entre elas aumentou, isso significa que o desempenho do primeiro e do segundo colocado se tornou mais próximo. O gráfico abaixo tenta ilustrar esse movimento a partir do indicador de competição eleitoral.



Fonte: Elaboração Própria com base no TSE

No gráfico 03, o elemento principal é a semelhança entre as caixas que representam as eleições de 2010 e 2014. Todavia, analisando os detalhes é possível notar que: 1) entre 2006 e 2010 há um crescimento do valor da mediana; 2) entre 2010 e 2014 há um pequeno alongamento do 2 e 3 quartis e 3) há uma redução de casos extremos em 2014. Duas dessas três observações apontam para um acirramento, mesmo que pequeno, no grau de disputa. Outra maneira de configurar essa comparação é observar o que acontece com a média das duas variáveis trabalhadas até aqui.

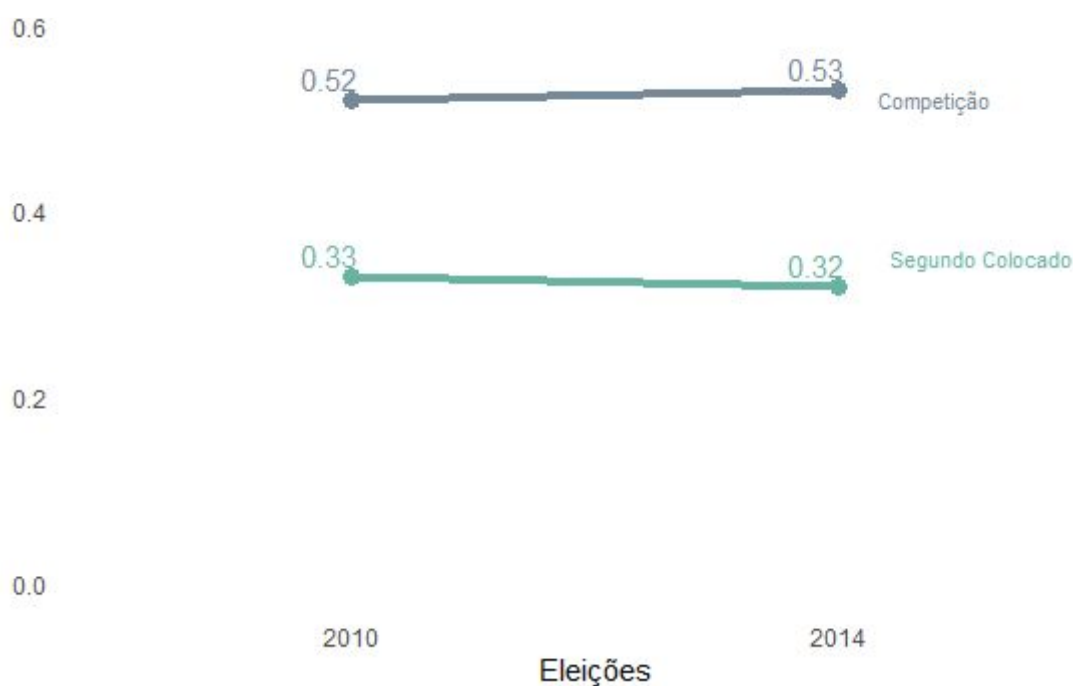
Gráfico 4 - Média do Percentual de Votos Válidos - Primeiro e Segundo Colocados (2010 - 2014)



Fonte: Elaboração Própria com base no TSE

De acordo com o ilustrado no **gráfico 04** a média do percentual de votos válidos da candidata Dilma Rousseff registrou uma queda de 3.06%. Já o desempenho do segundo colocado se manteve praticamente estável, com uma pequena oscilação de menos de 1%. O gráfico de inclinação abaixo apresenta o comportamento da média de outras variáveis.

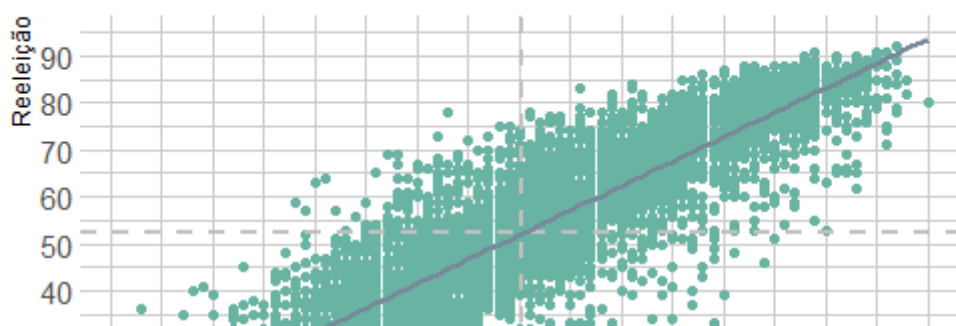
Gráfico 5 - Média da Proporção de Votos Válidos e Competição Eleitoral (2010 - 2014)



Fonte: Elaboração Própria com base no TSE

No agregado, a competição oscila pouco, crescendo apenas na segunda casa decimal. Como o percentual de votos da Dilma Rousseff não acompanha esse movimento, o resultado seria o descarte da nossa hipótese de trabalho. Porém, antes de chegar a qualquer conclusão é preciso uma análise mais robusta. Para caminhar nessa direção os gráficos abaixo ilustram a correlação entre pares de variáveis.

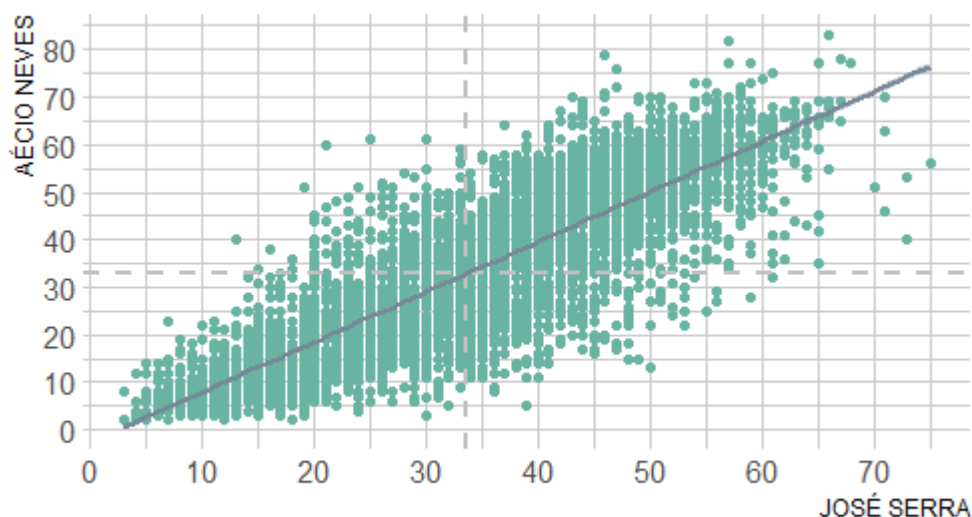
Gráfico 6 - Percentual dos Votos Válidos - Primeiro Colocado (2010 - 2014)



Fonte: Elaboração Própria com base no TSE

No **gráfico 06** temos o percentual dos votos válidos para o primeiro colocado, isso na condição de desafiante (Eleição) e de incumbente (Reeleição). O propósito é ter uma noção do grau de estabilidade de votação da então candidata Dilma Rousseff nos municípios. Observando 1º e 3º quadrantes percebemos que a tendência geral aponta a repetição do desempenho, entretanto é pertinente observar os vários pontos situados abaixo da média de uma variável e acima da média de outra (2º e 4º quadrantes). Esses pontos representam municípios que, por algum motivo, fogem do padrão. Abaixo verificamos qual a correlação entre os percentuais de votos dos segundo colocados nas disputas.

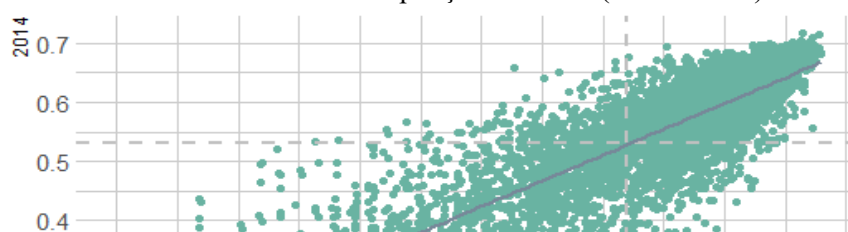
Gráfico 7 - Percentual dos Votos Válidos - Segundo Colocado (2010 - 2014)



Fonte: Elaboração Própria com base no TSE

No geral, temos o mesmo comportamento apresentado na análise anterior, aqui os candidatos José Serra e Aécio Neves tendem a ter votações semelhantes na maioria dos municípios, isso fica evidente ao observamos o 1º e 3º quadrantes. Todavia, há uma presença maior de pontos (municípios) no 2º e 4º quadrantes, ou seja, um maior número de municípios que mudaram de comportamento entre as duas eleições.

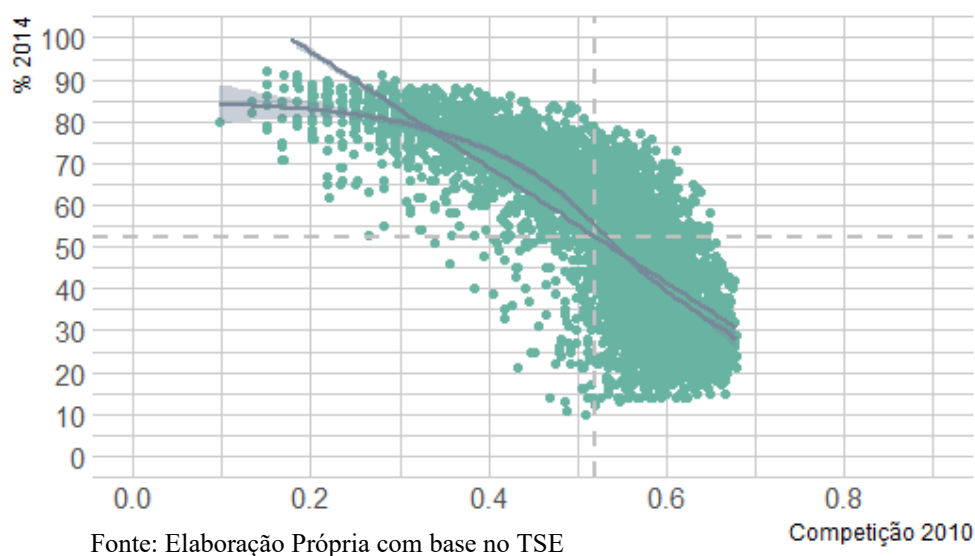
Gráfico 8 - Competição Eleitoral (2014 e 2010)



Fonte: Elaboração Própria com base no TSE

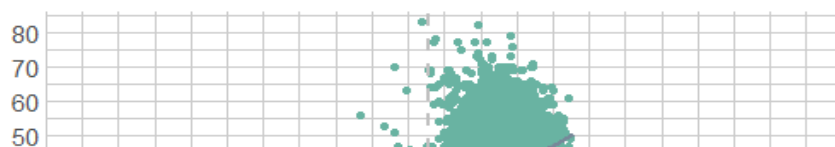
Quanto maior a competição em 2010 maior tende a ser a mesma medida no pleito seguinte. Mas existe um conjunto de municípios que fogem a esse padrão. Alguns têm competição acima da média em 2010 e abaixo no pleito seguinte, outros apresentam o comportamento inverso. Até aqui, as variáveis apresentam um padrão de forte dependência temporal. Mas, ainda não sabemos o comportamento dessa dependência no cruzamento entre variáveis diferentes. O gráfico abaixo começa a revelar esse cenário.

Gráfico 9 - Competição Eleitoral 2010 e Percentual de Votos - Dilma Rousseff (2014)



O gráfico revela uma correlação negativa entre a competição em 2010 e o percentual de votos da Dilma Rousseff em 2014. Todavia, a relação não parece exatamente linear, para valores abaixo de 0.3 pontos de competição a relação é perto da nula, curva paralela ao eixo x. Após esse limite, quanto maior a competição menor o percentual de votos na Dilma, reproduzindo uma relação mais próxima da linear. O gráfico abaixo ilustra a relação com a votação do segundo colocado.

Gráfico 10 - Competição Eleitoral (HH) 2010 e Percentual de Votos Válidos - Aécio Neves (2014)

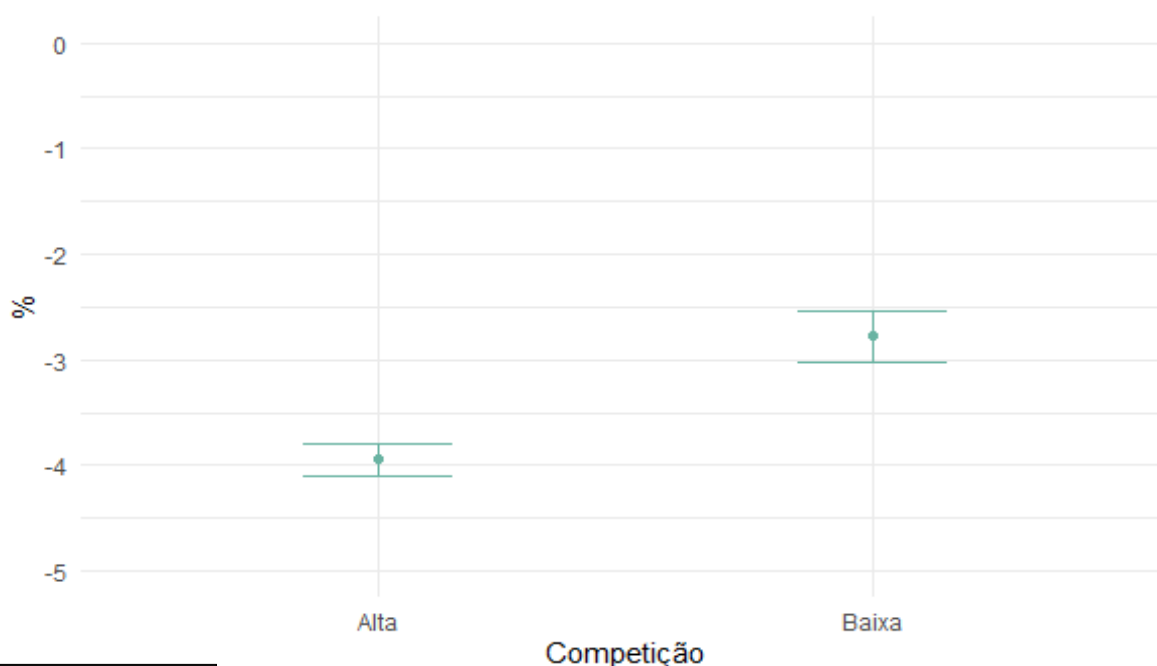


Fonte: Elaboração Própria com base no TSE

A relação é contrária ao que vimos com a votação do primeiro colocado. Todavia, em poucos momentos a relação se mostra claramente linear. De toda forma, segundo o modelo não linear, a relação parece ser positiva com mais intensidade na faixa de valores entre 0.4 e 0.6 e negativa após esse limite. O padrão mais claro é o crescimento do voto em Aécio Neves em municípios mais competitivos, ao menos até a competição atingir 0.6.

Para tornar o cenário mais claro, comparamos a média do saldo de votos da candidata vencedora em municípios com alto e com baixo nível de competição eleitoral.³ É importante lembrar que um saldo maior significa que o candidato teve uma votação mais alta em 2014 se comparado ao que obteve na eleição passada.

Gráfico 11 - Diferença de Médias do Saldo do Voto Percentual de Votos Válidos - Dilma Roussef

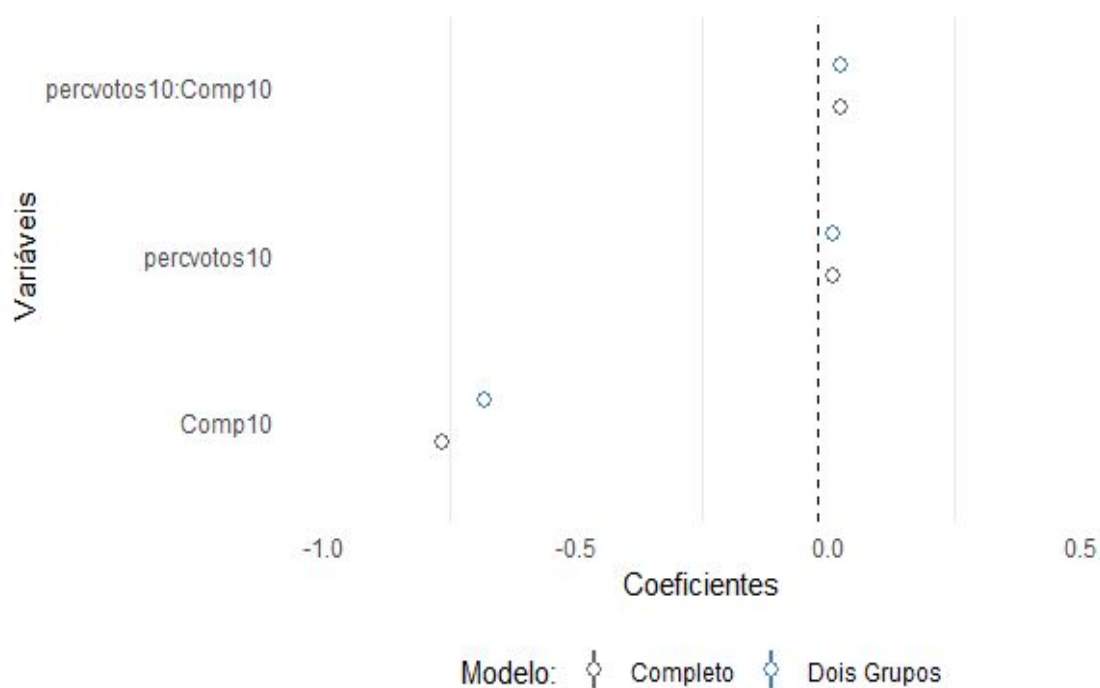


³ Os municípios foram classificados conforme o HH calculado com base nos resultados eleitorais de 2010. Foram formados três grupos conforme essa variável.

Fonte: Elaboração Própria com base no TSE

Claramente, a candidata Dilma Rousseff teve em média um desempenho mais negativo nos municípios com competição mais alta em 2010. Nesses municípios, a queda da votação foi mais acentuada na média. Isso sinaliza um dado favorável a nossa hipótese de trabalho. A final, na média, o desempenho cai mais nos municípios em que a competição foi mais acirrada. Como esse resultado é estimado sem nenhum controle, resolvemos avançar para uma técnica mais robusta, onde seja possível fazer essa estimativa controlando uma série de variáveis. O gráfico abaixo ilustra o resultado desse nosso esforço.

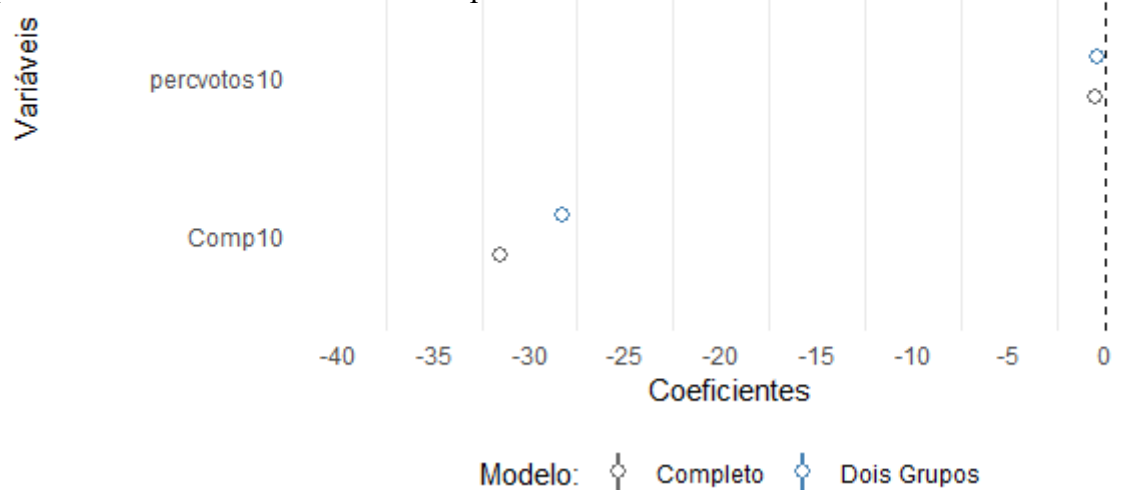
Gráfico 12 - Modelo de Regressão - VD Percentual de Votos 2014



O gráfico ilustra o efeito das variáveis a partir de duas amostras diferentes. Um modelo baseado no conjunto completo de observações e outro apenas com municípios com maior e menor nível de competição. Como esperado, o percentual de votos em 2010 apresenta um efeito positivo e significativo nos dois modelos. Isso significa que a incumbente tende a ter votação mais alta em 2014 onde ele já teve maior desempenho

na eleição anterior. A competição apresenta um efeito negativo e significativo nos dois modelos. No modelo completo, cada um ponto a mais na competição reduz em 0.76% os votos válidos da incumbente. Com dois grupos, o resultado não é muito diferente, cada ponto a mais na competição reduz em 0.68% os votos válidos da incumbente.⁴ Na prática isso significa que municípios que registraram competições mais acirradas em 2010, tendem a ter o percentual de votos mais baixos na Dilma Rousseff em 2014. O modelo inclui um termo interativo entre o percentual de votos em 2010 e a competição, o efeito dele é positivo e significativo. Isso significa que o efeito da competição depende do percentual de votos em 2010. O termo indica que a votação da Dilma cresce quando aumentam a competição e o percentual de votos na Dilma no pleito anterior. Isso mostra que o pior cenário para a candidata à reeleição foi aquele com competição alta e baixo percentual em 2010. A estimação é feita controlando o valor médio e a quantidade de famílias do programa bolsa família, o grau de vulnerabilidade e desenvolvimento humano dos municípios (IVS / IDHM), o comparecimento às urnas e volume de recursos não discricionários transferidos para os municípios⁵. Para além do

efeito no percentual de votos, o trabalho aposta que a candidata incumbente terá uma redução maior de votos em municípios cuja disputa já tinha sido acirrada. Por isso, decidimos estimar os modelos (completo e com dois grupos) tendo o saldo do percentual de votos como variável dependente.



⁴ A interpretação em percentual deve-se ao fato da variável dependente está na escala logarítmica. Mais detalhes sobre os modelos podem ser consultados nos anexos.

⁵ A tabela com os modelos completos está disponível nos anexos.

Fonte: Elaboração Própria com base no TSE

De acordo com os resultados, o percentual de votos em 2010 tem um efeito negativo e significativo no saldo de votos nos dois modelos (Completo e Dois Grupos). Quanto maior o percentual em 2010 menor o saldo, ou seja, maior a diferença entre as duas votações (2014 - 2010). A competição também apresenta um efeito negativo e significativo no saldo de votos, cada ponto a mais na competição reduz em 31.54 pontos o saldo no modelo completo. Com dois grupos, o resultado é semelhante, cada ponto a mais na competição reduz em 28.25 pontos o saldo de votos. Isso significa que a incumbente tende a reduzir seus votos em municípios que registraram em 2010 uma competição mais acirrada. A exemplo do que fizemos no modelo anterior, aqui também incluímos um termo interativo. Tanto no modelo completo, quanto naquele com apenas dois grupos, o termo interativo tem efeito positivo e significativo, ou seja, o saldo tende a ser maior em municípios com alta competição, mas apenas se o percentual de votos da Dilma Rousseff em 2010 tiver sido igualmente alto. Isso, estabelecendo os controles do valor médio e a quantidade de famílias do programa bolsa família, o grau de vulnerabilidade e desenvolvimento humano dos municípios (IVS / IDHM), o comparecimento às urnas e volume de recursos não discricionários transferidos para os municípios ⁶.

Em conjunto, os resultados apontam que a candidata incumbente perdeu mais votos em municípios nos mais competitivos no pleito anterior (2010). Entretanto, isso é mais verdadeiro em cenários em que o percentual de votos dela em 2010 foi baixo. Ao que parece esse é o cenário mais hostil para a incumbente. No geral, o trabalho aposta que os eleitores de municípios mais competitivos tendem a punir com maior rigor o incumbente. Os achados vão exatamente nessa direção e permitem a rejeição da hipótese nula do trabalho teoricamente, os eleitores dos municípios com essas duas configurações foram os mais severos com a candidata à reeleição.

⁶ A tabela com os modelos completos está disponível nos anexos.

CONCLUSÃO

O presente trabalho buscou analisar os efeitos da competição no desempenho político dos incumbentes, demonstrando como esse elemento possui alto potencial de modificar o cenário de disputa acirrando a competição e consequentemente induzindo candidatos e partidos ao uso extensivo de suas verbas. Diante dos dados apresentados, é nítido o impacto que um cenário de intensa competição tende a modificar negativamente o desempenho eleitoral do candidato, fato que se justifica nas situações onde a candidata incumbente Dilma Rousseff perdeu uma quantidade considerável de votos em municípios em que a competição política estava mais acentuada. Em linhas gerais, buscamos demonstrar como os eleitores de municípios em que o índice de competição se configura de forma mais intensa, estão propensos a punir de forma mais severa o incumbente, onde os dados advogam a favor deste direcionamento, nos permitindo rejeitar a hipótese nula.

A literatura aqui trabalhada demonstra como o eleitor procura ponderar seu voto da forma mais racional possível segundo seu grau de acesso as informações, e a seu entendimento do contexto geral dos debates. Entretanto, é perceptível que os fatos mais recentes são o ponto chave para o direcionamento do voto, de modo que possuir a “máquina” no caso do incumbente não necessariamente o confere larga vantagem em relação a seus adversários. Cenários de alto índice competitivo produzem um esforço demasiado e uma situação de gastos intensivos que não são do ponto de vista racional, interessantes para os candidatos que buscam a eleição ou reeleição.

No Brasil, não temos uma grande variedade de pesquisas que se dispuseram a analisar essas variáveis em interação, pretendemos com esse trabalho além de chamar a atenção para tal pertinência, abrir caminho para novas problematizações e desdobramentos procurando favorecer estudos que versem sobre esse refinamento do jogo político que vem se modificando e se adequando as dinâmicas da sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

- ACHENCH, BartelsLM. 2004. **Musical chairs: pocketbook voting and the limits of democratic accountability**. Presented at Annu. Meet. Am. Polit. Sci. Assoc., Sep. 1–5, Chicago, IL.
- BARTELS LM. 2002. **Beyond the running tally: partisan bias in political perceptions**. *Polit. Behav.* 24(2):117–50.
- CARAMANI, Daniele. 2003. **The end of silent elections: the birth of electoral competition, 1832-1915**. *Party Politics*, v. 9, n. 4, p. 411-443.
- DOWNS A. 1957. **An Economic Theory of Democracy**. New York: Harper & Row.
- HEALY A, Lenz G. 2012. **Substituting the end for the whole: why voters respond primarily to the election-year economy**. Work. pap., Dep. Polit. Sci., Univ. Calif., Berkeley.
- Markus GB. 1988. **The impact of personal and national economic conditions on the presidential vote: a pooled cross-sectional analysis**. *Am. J. Polit. Sci.* 32(1):137–54.
- SILVA Jr, J. A. et al. **The Presence of Incumbents Electoral Competition and Reelection in Brazil (1990-2014)**. *BPSR* 14 (1), 2020.
- SILVA Jr, J. A. et al. **É Proibido Proibir? Proibição do Financiamento Corporativo de Campanha e Competição Eleitoral no Brasil**. *Revista Teoria & Pesquisa*, v. 30, n. 3, 2021, p.39-70.
- SILVA, Glauco Peres da. 2017. **Mesmas instituições, mesmos resultados? Comparando o efeito da competição eleitoral sobre os níveis de concentração de votos**. *Opinião Pública*, v. 23, p. 682-713.

ANEXOS

Modelo de Regressão Linear Completo e Dois Grupos de Competição

Tabela 1:

	<i>Dependent variable:</i>	
	log(percvotos)	
	(1)	(2)
percvotos10	0.009*** (0.001)	0.009*** (0.001)
Comp10	-0.766*** (0.141)	-0.681*** (0.192)
aptos	0.00000 (0.00000)	0.00000 (0.00000)
comparecimento	-0.00000 (0.00000)	-0.00000 (0.00000)
qtfamilias	0.00000*** (0.00000)	0.00000*** (0.00000)
valmediobf	0.00000*** (0.00000)	-0.00000* (0.00000)
IDHM	-1.469*** (0.077)	-1.669*** (0.093)
IVS	0.048 (0.042)	0.130** (0.051)
vrprimeiro	0.00002*** (0.00000)	0.00001*** (0.00000)
vrsegundo	-0.00001*** (0.00000)	-0.00001*** (0.00000)
percvotos10:Comp10	0.025*** (0.002)	0.026*** (0.002)
Constant	4.021*** (0.098)	4.105*** (0.131)
Observations	5,480	3,841
R ²	0.820	0.833
Adjusted R ²	0.820	0.832
Residual Std. Error	0.170 (df = 5468)	0.172 (df = 3829)
F Statistic	2,265.273*** (df = 11; 5468)	1,732.259*** (df = 11; 3829)

Note:

*p<0.1; **p<0.05; ***p<0.01

Tabela 1:

	<i>Dependent variable:</i>	
	spropv	
	(1)	(2)
percvotos10	-0.467*** (0.043)	-0.453*** (0.056)
Comp10	-31.539*** (6.031)	-28.255*** (7.800)
aptos	0.00000 (0.00002)	-0.00000 (0.00002)
comparecimento	-0.00001 (0.00003)	0.00000 (0.00003)
qtfamilias	0.0001*** (0.00003)	0.0001*** (0.00003)
valmediobf	0.0003*** (0.00004)	0.0001** (0.00004)
IDHM	-62.784*** (3.274)	-68.611*** (3.797)
IVS	3.996** (1.779)	8.105*** (2.065)
vrprimeiro	0.0005*** (0.0002)	0.0004** (0.0002)
vrsegundo	-0.0003*** (0.0001)	-0.0003*** (0.0001)
percvotos10:Comp10	0.571*** (0.073)	0.575*** (0.092)
Constant	58.154*** (4.198)	62.198*** (5.314)
Observations	5,480	3,841
R ²	0.258	0.268
Adjusted R ²	0.257	0.266
Residual Std. Error	7.250 (df = 5468)	6.986 (df = 3829)
F Statistic	172.869*** (df = 11; 5468)	127.631*** (df = 11; 3829)

Note: *p<0.1; **p<0.05; ***p<0.01

Análise de Cluster

K-means clustering with 3 clusters of sizes 3003, 841, 1641

Cluster means:

hh

1 0.4079998

2 0.6780080

3 0.5039088

Within cluster sum of squares by cluster:

[1] 3.044069 3.344648 2.325064

(between_SS / total_SS = 85.0 %)

